

PAISAGEM: UMA REFLEXÃO SOBRE UM AMPLO CONCEITO

LANDSCAPE: A REFLECTION ON A WIDE CONCEPT

Marcus POLETTE*

RESUMO

O presente trabalho pretende iniciar a discussão e reflexão sobre o que consideramos paisagem. Paisagem é um conceito amplo na atualidade, pois esta é utilizada pelas mais diversas áreas de pesquisa tais como a geografia, arquitetura, artes plásticas, psicologia, meio ambiente, etc. Recentemente a mesma adquiriu um papel notável na gestão dos recursos naturais, especialmente se considerarmos uma visão mais pragmática e política da mesma. O fundamental é que este amplo conceito deva ser permanentemente estudado e analisado, pois exige que a entendamos na sua concepção histórica, social, econômica, artística e, sobretudo, ecológica. Na realidade, entender a estrutura, o funcionamento e mudanças que ocorrem na paisagem será vital para garantirmos um desenvolvimento equilibrado para as gerações presentes e futuras, pois este é o verdadeiro desafio para legar qualidade de vida para a sociedade.

Palavras-chave: paisagem; gestão de recursos naturais; pragmática e política.

ABSTRACT

This paper aims to provoke discussion and reflection on what is considered as landscape. Nowadays landscape is a broad concept since it is used in many different areas of research such as geography, architecture, the arts, psychology, environment, etc. Recently it has acquired a notable role in the management of natural resources, especially if we take a more pragmatic and political view. It is important to understand that this broad concept should always be studied and analyzed in order to understand its historical, social, economic, artistic, and in particular its ecological conception. In fact, an understanding of the structure, operation and changes that occur in the landscape is vital for ensuring sustainable development for present and future generations, since the real challenge is to leave a legacy of quality of life for society.

Key words: landscape; natural resources administration; pragmatic and politic.

INTRODUÇÃO

Dos muitos conceitos de paisagem, interpretados por profissionais de diversas áreas, os mais atuais a definem como sendo a expressão do produto de interação espacial e temporal do indivíduo com o meio (UICN, 1984).

Paisagem pode ser definida como um sistema territorial composto por componentes e complexos de diferentes amplitudes formados a partir da influência dos processos naturais e da atividade modificadora da sociedade humana, que se encontra em permanente interação e que se desenvolvem historicamente. Atualmente, esta adquire importância em diversas linhas de pesquisa, bem como é utilizada em diferentes escalas espaciais de compreensão por meio de relações sociais, econômicas, culturais e ecológicas.

INTRODUCTION

From the many concepts of "*paisagem*" (landscape) which have been interpreted by professionals from various areas, the most up-to-date ones define it as the expression of the product of spatial and temporal interaction of the individual with his environment (UICN, 1984).

Landscape can be defined as a territorial system made up of components and complexes with different scopes formed by the influence of natural processes and the modifying activity of human society, which is in a permanent state of interaction and which has historically developed itself. Recently, landscape has been acquiring significance in various branches of research and is used in different spatial scales of understanding by means of social, economic, cultural and ecological relationships.

* Universidade do Vale do Itajaí.

* *University of Vale do Itajaí.*

Segundo MOSS & NICKLING (1980), a paisagem pode ser considerada como um atributo de reconhecida importância para o ambiente e, particularmente, quando for sinônimo de “cenário”. Paisagem deve ser visto ainda, como um importante recurso, no qual pode ser considerado também como renovável, não-renovável, natural ou cultural.

O presente trabalho visa refletir sobre os diversos conceitos de utilização do termo dentro da sua complexidade, levando, assim, a uma reflexão sobre o seu uso atual. GOBSTER & CHENOWETH (1989); KENT (1993) *apud* CARVALHO-MARENZI (1996) analisam que a paisagem pode ser entendida nas suas dimensões físicas, referentes aos elementos ambientais e sua relação; nas suas dimensões artísticas, relacionadas ao aspecto da composição, resultando na harmonia da sua forma física; e nas suas dimensões psicológicas, relativas ao impacto mental que pode causar nos observadores.

NAVEH & LIEBERMAN (*Op. cit.*) WHITE em 1976 mostraram o significado do termo “paisagem”, o mesmo sofreu muitas mudanças, mas o conceito visual-percepção original e a conotação estética têm sido adotados na literatura e arte, são utilizados ainda por vários pesquisadores envolvidos no planejamento da paisagem, no “design”, e ainda na jardinagem. Frequentemente, o termo é ainda mais ligado à percepção cênica-estética do que aquela ligada à avaliação ecológica.

Recentemente, o termo paisagem tem sido utilizado sob vários aspectos, mas é na ecologia da paisagem que esta atinge sua dimensão mais ampla, contribuindo, assim, para o seu real entendimento quanto à estrutura, funcionamento e mudanças que ocorrem na mesma, ao longo do tempo.

HISTÓRICO

A referência mais antiga que se tem sobre paisagem na literatura mundial encontra-se no livro dos Salmos (48.2) referindo-se:

2. “*Seu santo monte, belo e sobranceiro, é a alegria de toda a terra; o monte de Sião, para os lados do norte, a cidade do grande Rei.*”

O termo “paisagem”, (“*noff*” em Hebreu, provavelmente relacionado com “*yafe*”, beleza) e a beleza vista de Jerusalém, com o templo do Rei Salomão, castelos e palácios. Esta conotação de vista estética de paisagem que é usualmente referida no inglês a “cenário” (NAVEH & LIEBERMAN, 1983).

Durante a Idade Média, a arte da jardinagem estava confinada, tendo como exemplo o jardim dos claustros - cujos antecedentes no ocidente podem ser rastreados através dos claustros de Terragona, que nos conduzem aos muçulmanos e destes aos jardins persas, bem como no jardim pequeno fechado

According to MOSS & NICKLING (1980), landscape can be considered as an attribute of recognized importance to the environment, particularly when considered as a synonym of “scenery”. Landscape should also be seen as an important resource that can be considered renewable or non-renewable, natural or cultural.

The aim of this work is to reflect on the various concepts used for the term within its complexity, thus leading towards a reflection about its current use. GOBSTER & CHENOWETH (1989); KENT (1993) *apud* CARVALHO-MARENZI (1996) believe the landscape can be understood in terms of its physical dimensions with regard to environmental elements and their relationships; in terms of its artistic dimensions with regard to aspects of its composition that result in the harmony of its physical shape; and in terms of its psychological dimensions with regard to the mental impact that it causes on its observers.

Since 1976, when NAVEH & LIEBERMAN (*Op. cit.*) WHITE defined the term “landscape”, it has undergone many changes, but the original visual-perception concept and the aesthetic connotation that have been adopted in literature and the arts are still used by various researchers involved in landscape planning, design and gardening. Often the term is linked more to scenic-aesthetic perception than to ecological evaluation.

Recently, the term landscape has been used under various aspects, but it is under the ecological aspect that landscape reaches its widest dimension, thus contributing to an actual understanding of its structure, operation and changes that occur over time.

HISTORY

In the world’s literature, the oldest existing reference to landscape is in the book of Psalms (48;2):

2. “*Beautiful for situation, the joy of the whole earth, is Mount Zion, on the sides of the north, the city of the Great King*” (King James Version)

The term “landscape” (“*noff*” in Hebrew, probably related to “*yafe*”, beauty) refers to the beauty seen from Jerusalem, with King Solomon’s Temple, castles and palaces. This connotation of the aesthetic view of landscape is usually referred to in English as “scenery” (NAVEH & LIEBERMAN, 1983).

During the Middle Ages, the art of gardening was confined to internal areas, for example the monastery gardens - whose antecedents in the West can be traced back to the monasteries of Terragona, succeeded in history by the

do tipo doméstico ou nos jardins dos castelos, com seus maciços de flores cultivadas, fontes pérgolas e delicadezas similares, que podem também ter sido trazidos do Oriente (JELLICOE, 1995).

O final da Idade Média traz consigo um desgaste das bases filosóficas que sustentavam o ordenamento paisagístico até então dominante. Os “ares” da Renascença vão fazer com que o jardim medieval se transforme e passe a ser planejado também para o prazer, e não mais com fins unicamente contemplativos. Os jardins agora são abertos e freqüentados por intelectuais, estudantes e artistas, ganham um novo papel no contexto social (FIGUEIRÓ *Op cit.*).

O Renascimento é um momento de renovação intelectual e artística iniciado na Itália, no século XIV, e que atingiu seu apogeu no século XVI, influenciando várias outras regiões da Europa. A noção do renascimento diz respeito à restauração do período clássico. Este conceito foi desenvolvido sistematicamente para na realidade contrapor a estética produzida pela arte durante a Idade Média. Durante o renascimento, a crença da ilimitada capacidade da criação humana culminou com a renovação cultural [artes e arquitetura (Michelângelo, Rafael, Ticiano), literatura (Shakespeare, Dante, Boccacio, Cervantes), imprensa, geografia e cartografia (Colombo, Vasco da Gama, Fernão de Magalhães), astronomia (Kepler, Copérnico, Galileu) etc.]. Desta forma, através da pintura, o homem passa também a uma nova abordagem por meio da invenção da perspectiva que significou retratar a natureza, ou seja a paisagem, de uma forma mais realista (OXFORD, 1996).

Desde a Renascença, e especialmente nos séculos XVII e XIX, esta conotação espacial adquiriu um significado mais compreensivo no qual a paisagem é então experimentada como uma realidade total espacial-visual do ambiente inteiro (NAVEH & LIEBERMAN, 1983). Ainda segundo FIGUEIRÓ (1998), o caminho do racionalismo renascentista vai forçando a substituição da paisagem idealizada pela paisagem concreta, cuja territorialidade assume importância secundária diante da perspectiva de “unidade” que ela pressupõe. A idéia de paisagem vai se firmando cada vez mais como um mosaico de elementos naturais e não-naturais, passíveis de serem captados pelos sentidos humanos em um determinado momento, a partir de um determinado local. Em verdade, o que ocorre é uma redefinição de dita “unidade” promovida pela paisagem. Durante a Idade Média, a unidade baseava-se no conjunto do espaço percebido (fisionômico) e do espaço vivido (territorial). Após este período, o sucessivo desmembramento dos impérios acarreta um deslocamento da noção de territorialidade para

Mohammedan gardens, and the Persian gardens, as well as to the small domestic closed gardens or the gardens of castles, which had large scale flower cultivation, pérgolas, fountains and other similar attractive features, which may have been brought from the Orient (JELLICOE, 1995).

The end of the Middle Ages brought erosion of the philosophical foundations that supported the landscape pattern used up until then. The Renaissance “airs” caused a change in medieval gardens, transforming them into gardens that were planned for pleasure, and no longer for mere contemplative purposes. The gardens, which became more open and were frequented by intellectuals, artists and students, took on a new role in the social context (FIGUERÓ, *Op. cit.*).

The Renaissance was an era of intellectual and artistic renewal that began in Italy in the 14th Century. It reached its zenith in the 16th Century, influencing other regions of Europe. The notion of Renaissance is related to the restoration of the classical period. In fact, this concept was systematically developed to oppose the aesthetic pattern produced by the arts during the Middle Ages. During the Renaissance, the belief in the infinite capacity of human creation culminated in the cultural renewal [the arts and architecture (Michelangelo, Rafael, Ticiano), literature (Shakespeare, Dante, Boccacio, Cervantes), printing, geography and cartography (Colombo, Vasco da Gama, Fernão Magalhães), astronomy (Kepler, Copernico, Galileu), etc.]. In this way, through painting, man also passes on a new approach through the invention of perspective, which was meant to portray nature, that is, the landscape in its most realistic form (OXFORD, 1996).

Since the Renaissance, and particularly during the 17th and 19th Centuries, this connotation has acquired a more comprehensive meaning in which the landscape comes to be experienced as a total visual spatial reality of the whole environment (NAVEH & LIEBERMAN, 1983). Moreover, according to FIGUERÓ (1998), the path to Renaissance rationalism forces the substitution of the idealized landscape by the concrete landscape, whose territoriality assumes secondary importance compared to the perspective of the “unit” that this presupposes. The idea of landscape is becoming increasingly established as a mosaic of natural and non-natural elements, which are capable of being assimilated by human senses at a certain moment, in a certain place. In truth, what takes place is a redefinition of the so-called “unit”, which is promoted by the landscape. During the Middle Ages, the unit was based on a combination of perceived space (physiognomic) and lived in space (territorial). After this period, the successive break up of Empires caused a change in the idea of

os Estados-nação, então, em surgimento, relegando à paisagem um outro sentido de unidade baseado principalmente no conjunto de elementos materiais percebidos.

Durante os séculos XVI, XVII e XVIII, as sociedades ocidentais experimentaram um processo de transformação que as levou a passar de um tipo restritivo de sociedade a outro liberal. Seus fundamentos filosóficos e legais clássicos lhes permitiram - através da investigação científica, a liberdade de iniciativa e a mobilidade social - prosperar e expandir-se em maior medida que as sociedades centrais e orientais caracterizadas pela imobilidade de seus fundamentos religiosos e éticos. Desde este momento, se iniciou um intercâmbio universal de idéias que, finalmente, elevou as artes da paisagem desde o nível de desenho local e doméstico até o conceito moderno de planejamento global (JELLICOE, *Op cit.*).

Logo, a paisagem pode ser tratada sob diferentes aspectos, segundo RODRIGUEZ (1984), paisagem é um dos termos mais amplamente difundidos na literatura geográfica. A palavra paisagem, em sua tradução alemã (*die landschaft*), se introduziu na literatura geográfica em 1805 por A. Hommeyeren, entendendo por isto a soma de todas as localidades observadas de um ponto alto, e que representa a associação de localidades situadas entre as montanhas, bosques e outras partes significativas da Terra.

Paisagem foi então introduzida como um termo geográfico científico no início do século XIX por A. Von Humboldt, um grande pioneiro da geobotânica e da geografia física, que a definiu como “*Der Totalcharakter einer Erdgegend*” - ou seja, as características totais de uma região da Terra.

Pode-se dizer que o termo atual mais condizente é aquele considerado segundo J. B. JACKSON *apud* FORMAN & GODRON (1986), paisagem: “... o conceito continua a me iludir. Talvez uma das razões disto é que eu persisto em vê-la não como uma entidade cênica ou ecológica mas como uma entidade política ou cultural; que estão mudando o curso da história ... vou ao ponto onde ao invés de tentar estabelecer distinções entre paisagens, tento descobrir similaridades ... mais com ... percebendo a universal na qual presumivelmente esta atrás, a diversidade”.

ETMOLOGIA

DILGER (1993) *apud* PIRES (1993), historicamente afirma que os conceitos primitivos sobre paisagem originaram-se na época medieval. No idioma alemão, o termo “*landschaft*” originalmente possuía um significado de constituição espacial ou ordenamento característico de uma

territoriality for emerging Nation States giving another sense of unit to the landscape, which is based mainly on the set of perceived material elements.

During the 16th, 17th and 18th Centuries, Western societies went through a process of transformation that led them from a restrictive to a liberal society. Their philosophical and legal classical foundation allowed them - through scientific investigation, freedom of initiative and social mobility - to succeed and expand in a much greater measure than Central and Oriental societies, which were characterized by their immobility and religious and ethical foundation. Since then, there has been an universal exchange of ideas which has caused the landscape arts to be elevated from the level of local and domestic drawings to the modern concept of global planning (JELLICOE, *Op. cit.*).

Landscape, therefore, can be analyzed under different aspects. According to RODRIGUEZ (1984), it is one of the most widely used terms in geographical literature. In 1805, the German translation of the word landscape (*die landschaft*) was introduced in the geographical literature by A. Hommeyeren, and was understood as the sum of all locations observed from a high point and the representation of the association of locations situated among hills, forests and other significant parts of the Earth.

Landscape was introduced as a scientific geographical term at the beginning of the 19th Century by A. Von Humboldt, a leading pioneer in botanical geography and physical geography who defined it as “*Der Totalcharakter einer Erdgegend*”, that is, the total characteristics of a region of the Earth.

It could be said that the current term is more compatible with the definition of J. B. JACKSON *apud* FORMAN & GODRON (1986), who considers landscape as: “... a concept which keeps deluding me. Perhaps one of the reasons for this is that I insist on seeing it not as a scenic or ecological entity, but rather as political or cultural entities; which are changing the course of history ... I get to the point where, rather than trying to establish differences between landscapes, I try to find similarities ... but with diversity, perceiving the universe which presumably lies behind.”

ETYMOLOGY

Historically DILGER (1993) *apud* PIRES (1993) claims that the primitive concepts of “*paisagem*” (landscape) were originated during medieval times. In the German language, the term “*landschaft*” originally had the meaning of spatial constitution or arrangement which was typical of a region: the part

região: a fração “Land” como país, área, região ou território; e a fração “Schafft” como constituição ou estabelecimento de uma ordem social. Ainda segundo FIGUEIRÓ (1998), em diferentes culturas, o conceito de paisagem surge fortemente ligado à questão espacial, ao conjunto de território, nas línguas de origem romana (derivada de Pagus).

Segundo MACEDO (1993), paisagem é uma palavra que ingressou na língua portuguesa vinda do francês. Segundo o dicionário Robert, Paysage é uma palavra surgida em 1549 na língua francesa, significa “Partie D’un Pays que La Nature Présente à un Observateur”. TRICART (1979) *apud* PIRES (1993) concebe paysage como uma palavra que deriva de “pays” e possui uma forte conotação territorial, conforme acontece em alemão com o termo “Landschaft”, derivado de “Land”, que designa os estados federativos da Alemanha.

Segundo BERNALDEZ (1981), uma das explicações para o termo *paisagem*, *paisaje* (espanhol), *paysage* (francês), ou seus mais ou menos equivalentes *landscape*, *landschaft* (alemão), que segundo NAVEH & LIEBERMAN (1983) também contêm a conotação espacial-geográfica de “terra” (derivadas do holandês *landskip*, *landshap*) sempre ocorre uma referência à arte. No “Webster’s New World Dictionary” (1954) *landscape* significa:

1. Imagem que representa uma cena natural terrestre, tal como uma pradaria, um bosque;
2. Ramo da pintura, fotografia, etc. que se ocupa de tais imagens;
3. Extensão de um cenário natural, percebida pelo olho em uma só visão.

Segundo FORMAN & GODRON (1986), os dicionários Webster’s (1963); The Oxford English Dictionary (1933) descrevem a “arquitetura da paisagem” como o arranjo e modificação do cenário natural a partir de um arranjo na terra para efeito estético. TURNER (1983) *apud* PIRES (1993), distingue trinta diferentes significados dos quais três são de especial importância para o planejamento da paisagem. São eles: o significado artístico ou dos artistas que pintam a paisagem, o significado geográfico e o significado estético ou cênico dos projetistas ou arquitetos da paisagem.

BERNALDEZ (1981) afirma que, ao considerarmos só a cena natural, este dicionário exclui a paisagem urbana (townscape) e, ao confinar o significado ao meio terrestre, exclui a marinha (seascape).

No Dicionário da Academia Real de Língua Espanhola *apud* BERNALDEZ (1981) este considera somente o lado artístico da paisagem tais como:

“Land” as a country, area, region or territory; and the part “Schafft” as the constitution or settlement of a social order. Moreover, according to FIGUEIRÓ (1998), in different cultures the concept of landscape emerges as being strongly linked to spatial issues and territory groups, in languages of Roman origin (derived from Pagus).

According to MACEDO (1993), landscape is a word that entered the Portuguese language derived from French. According to the Robert Dictionary, *Paysage* is a word that was first used in French in 1549, and meant “Partie D’un Pays que La Nature Présente à un Observateur”. TRICART (1979) *apud* PIRES (1993) understands *paysage* as a word derived from “pays” and which has a strong territorial connotation, as also occurs in German with the term “Landschaft”, derived from “Land”, which designates the Federal States of Germany.

According to BERNALDEZ (1981), one of the definitions for the term *paisagem* (Portuguese), *paisaje* (Spanish), *paysage* (French), or its rough equivalents *landschaft* (German) and *landscape* (English), which according to NAVEH & LIEBERMAN (1983) also carry the spatial-geographical connotation of “land” (derived from the Dutch *landskip*, *landshap*), always has a reference to the arts. In Webster’s New World Dictionary” (1954) *landscape* is defined as:

1. An image that represents a natural terrestrial scene, such as a prairie or a forest;
2. A branch of painting, photography, etc., which deals with these images;
3. An expanse of natural scenery, perceived by the eye in a single view.

According to FORMAN & GODRON (1986), Webster’s Dictionary (1963) and The Oxford English Dictionary (1933) describe the “architecture of landscape” as the arrangement and alteration of natural scenery caused by an arrangement of land to produce an aesthetic effect. TURNER (1983) *apud* PIRES (1993) distinguishes thirty different meanings, of which three are considered particularly important in landscape planning. They are: the artistic meaning or that of artists who paint landscapes, the geographical meaning, and the aesthetic or scenic meaning of landscape designers and architects.

BERNALDEZ (1981) states that when we consider only the natural scene, the Oxford English Dictionary excludes the urban landscape (townscape) and, when restricted to the terrestrial environment, it also excludes the sea (seascape).

In the Dictionary of the Real Academy of the Spanish Language *apud* BERNALDEZ (1981), only the artistic aspect is considered, such as:

1. Pintura ou desenho que representa certa extensão de terreno;
2. Porção de terreno considerado em seu aspecto artístico.

Já na Pequena Enciclopédia Soviética, vol. 5, p. 350 *apud* BERNALDEZ (1981), o termo paisagem já possui uma conotação culta e científica sendo assim descrita:

“Porção da superfície terrestre, provida de limites naturais, onde os componentes naturais (rochas, relevo, clima, águas, solos, vegetação, mundo animal) formam um conjunto de interação e interdependência”.

As definições de BERNALDEZ (1981) *apud* BOULLÓN (1994) derivam de um enfoque estético e também de uma perspectiva científica. No enfoque estético, os componentes da paisagem são aqueles facilmente perceptíveis, enquanto que segundo a definição científica a paisagem inclui conceitos abstratos e outros componentes que podem passar inadvertidamente para um observador comum. Ambos os pontos de vista são válidos porque se referem a duas interpretações distintas de uma mesma coisa. A freqüente confusão de que são objeto se origina pelo fato de que cada interpretação vem da mesma palavra, quando na realidade existe uma importante diferença entre um e outro conceito. O equívoco poderia ser resolvido se reservássemos o termo *paisagem* à interpretação que depende da interpretação visual simples e chamármos de geossistema ou criptosistema à versão científica dessa mesma realidade.

Segundo o dicionário AURÉLIO (1986) da Língua Portuguesa, o termo paisagem (Do fr. *paysage*) se refere:

1. Espaço de terreno que se abrange num lance de vista;
2. Pintura, gravura ou desenho que representa uma paisagem natural ou urbana.

JACKSON (1986) *apud* PIRES (1993) mostra que, de acordo com o dialeto do país ou região onde a palavra é utilizada, surgem significados distintos para o termo paisagem. Para os alemães, paisagem pode significar uma pequena unidade territorial administrativa. Os americanos tendem a usar a palavra referindo-se a cenários naturais, enquanto que os ingleses incluem na paisagem o elemento humano e os franceses usam a palavra com outras variações de significado.

ALGUMAS DAS CONCEPÇÕES ATUAIS DA PAISAGEM

Segundo RODRIGUEZ (*Op. cit.*), a maior parte das escolas geográficas antropocentristas, geopolíticas e todas aquelas sustentadas em

1. A painting or drawing representing a particular expanse of land;
2. A portion of land considered for its artistic aspect.

In the Small Soviet Encyclopaedia, volume 5, page 350, *apud* BERNALDEZ (1981), the term landscape is already given an academic and scientific connotation. It is described as:

“A portion of the earth’s surface with natural boundaries, in which natural components (rocks, relief, climate, water, soil, vegetation, and fauna) form an interactive and interdependent composition”.

The definitions of BERNALDEZ (1981) *apud* BOULLÓN (1994) derive not only from an aesthetic focus, but also from a scientific perspective. In the aesthetic focus, the components of landscape are easily perceived, while according to the scientific definition, landscape includes abstract concepts and other components that may be inadvertently passed over by a common observer. Both points of view are logical, since they involve two distinct interpretations of the same thing. Their frequent mix-up occurs because each interpretation derives from the same word, when actually there is an important difference between the concepts. This ambiguity could be resolved if we restricted the term *paisagem* (landscape) to the interpretation that depends on the simple visual interpretation and called the scientific version of this same reality the geo-system or crypto-system.

According to the Aurélio Dictionary (1986) of the Portuguese language, the term *paisagem* (derived from the French *paysage*) refers to:

1. A portion of land that is taken in at a glance;
2. A painting, picture or drawing that represents a natural or urban landscape.

JACKSON (1986) *apud* PIRES (1993) demonstrates that there may be many distinct meanings of the term landscape according to the dialect of the region or country in which the word is being used. For Germans, landscape can mean a small territorial administrative unit. Americans tend to use the word to refer to natural scenes, while the English also add the human element and the French use the word with other variations in meaning.

SOME CONTEMPORARY CONCEPTIONS OF LANDSCAPE

According to RODRIGUEZ (*Op. cit.*), most anthropocentric geographical and geopolitical schools of thought, and all those supported

concepções filosóficas metafísicas e idealistas, adotam a noção de paisagem com um todo sintético em que se combina a natureza, a economia e a sociedade, a cultura e a religião. Logo, dentro do marco deste amplo contexto observam numerosos matizes. Para alguns, a essência é subtrair a relação existente entre a percepção cultural de uma sociedade e as transformações do meio físico, obra desta mesma sociedade. Trata-se de subtrair na paisagem o contexto tangível da associação do homem com o homem e do homem com a superfície da Terra.

ZONNEVELD (1979) *apud* FORMAN & GODRON (1986) define paisagem como uma parte do espaço da superfície da Terra, consistindo de um complexo de sistemas, formados pela atividade da rocha, água, ar, plantas, animais e o homem e que pela sua fisionomia forma uma entidade reconhecida.

HABER (1990) afirma que paisagem é um objeto terrestre; pode ser incluído os ecossistemas aquáticos tais como os canais, rios e lagos, mas estes terminam nas área litorâneas onde iniciam então as “seascapes”, ou seja, as paisagens marinhas. Deste modo, paisagens estão restritas à litosfera ou, mais precisamente, à interface litosfera-atmosfera, e está embutida em uma outra hierarquia: a de que as principais esferas ambientais (VAN LEEUWEN, 1985) na qual pode também ser considerada como representativa do sistema Gaia (LOVELOCK, 1979).

Dos diversos níveis hierárquicos que a paisagem possui, esta está diretamente associada também à escala de análise. Um gradiente no padrão de mudanças é difícil de ser definido ao longo do tempo nas paisagens de um modo geral. Vários também são os tipos primários de paisagens analisadas por vários autores (Tabela 1). Segundo FORMAN & GODRON (1986), a paisagem pode ser classificada da seguinte forma:

1. **Paisagem Natural:** Sem significativo impacto humano;
2. **Paisagem Manejada:** Por exemplo, pastos ou florestas, onde as espécies nativas são manejadas e cultivadas;
3. **Paisagem Cultivada:** Com vilas e manchas de ecossistemas naturais ou manejados;
4. **Paisagem Suburbana:** uma áreas urbana ou rural com manchas heterogêneas de áreas residenciais, centros comerciais, pastos, vegetação cultivada, e áreas naturais
5. **Paisagem Urbana:** Uma grande matriz com vários quilômetros densamente construída.

Segundo HABER (1990), a paisagem pode ser definida por meio de uma ordem de vários tipos de usos (Tabela 1).

by metaphysical and idealist philosophical conceptions, have adopted the notion of landscape as a synthetic entirety in which nature, the economy, society, culture and religion are all combined. Thus, within this wide context, various shades are observable. Some think that the essence is to subtract the existing relationship between the cultural perception of a society and the physical environmental changes, which are works of this same society. This means subtracting from landscape the tangible context of the association between man and man and between man and the surface of the Earth.

ZONNEVELD (1979) *apud* FORMAN & GODRON (1986) define landscape as a part of the Earth's surface, consisting of a complex set of systems, which are formed by the activity of rock, water, air, plants, animals and man, and that, due to their physiognomy, form a known entity.

HABER (1990) claims that landscape is a terrestrial object; it can include aquatic ecosystems such as canals, rivers and lakes, but these finish in coastal areas, where the seascapes, that is, the marine landscapes, then begin. Landscapes, therefore, are restricted to the lithosphere, or, more precisely, to the interface lithosphere-atmosphere, and are inserted into another hierarchy: the one in which the main environmental spheres (VAN LEEUWEN, 1985) can also be considered as representative of the Gaia System (LOVELOCK, 1979).

From these various hierarchical levels that landscape possesses, this is directly related to the scale of analysis. Generally, a gradient in the pattern of changes in landscapes over time is hard to define. There are also several primary types of landscape analyzed by various authors (Table 1). According to FORMAN & GODRON (1986), landscape can be classified as follows:

1. **Natural landscape:** without significant human impact;
2. **Manipulated landscape:** for example, grassland or forests, where native species are manipulated and cultivated;
3. **Cultivated landscape:** with villages and patches of natural or manipulated ecosystems;
4. **Suburban landscape:** rural or urban areas with heterogeneous patches of residential areas, commercial centers, grassland, cultivated vegetation, and natural areas;
5. **Urban landscape:** a large matrix with several kilometers of densely built up areas.

According to HABER (1990), landscape can be defined using a ranking of various types of use (Table 1).

Tabela 1. Principais ecossistemas ou tipos de uso do solo de acordo com a ordem decrescente de áreas naturais para a ordem crescente de áreas artificiais.

Table 1. Main ecosystems or types of soil use, according to descending order of natural areas/ ascending order of artificial areas.

A. Bio-ecossistemas <i>Bio-ecosystems</i>	• Domínio de componentes naturais e de processos biológicos.	• <i>Prevalence of natural components and biological processes.</i>
A.1. Ecossistemas Naturais <i>Natural Ecosystems</i>	• Sem a influência direta do homem; • Capaz de auto-regulação.	• <i>No direct influence of man;</i> • <i>Capable of self-regulation.</i>
A.2. Ecossistemas Quase-naturais <i>Quasi-natural ecosystems</i>	• Influenciado pelos seres humanos, mas similar ao A1; • Pequena mudança após o abandono antrópico; • Capaz de auto-regulação.	• <i>Influenced by human beings, but similar to A1;</i> • <i>Small change after man abandonment;</i> • <i>Capable of self-regulation.</i>
A.3. Ecossistemas Semi-naturais <i>Semi-natural ecosystems</i>	• Resultante do uso antrópico de A.1 e A.2, mas não intencionalmente criado; • Mudança significativa após o abandono antrópico; • Capacidade limitada de auto-regulação; • Manejo requerido.	• <i>Resulting from the man's use of A.1 and A.2, but not intentionally created;</i> • <i>Significant change after man abandonment;</i> • <i>Limited capacity of self-regulation;</i> • <i>Required management.</i>
A.4. Ecossistemas Antrópicos <i>MAN ecosystems</i>	• Intencionalmente criado pelo homem; • Dependente do controle e manejo antrópico.	• <i>Intentionally created by man;</i> • <i>Dependant on control and man management.</i>
B. Tecno-ecossistemas <i>Techno-ecosystems</i>	• Sistemas (tecno)antrópicos; • Domínio de estruturas (artefatos) e processos; • Intencionalmente criado pelo homem para atividades industriais, econômicas e Culturais; • Dependente do controle humano bem como interdependência dos bio ecossistemas.	• <i>Techno-systems and systems changed by man;</i> • <i>Prevalence of structures (artifacts) and processes;</i> • <i>Intentionally created by man to industrial, economic and cultural activities;</i> • <i>Dependant on human control, as well as on the interdependence of the bio-systems.</i>

Fonte: W. HABER (1990) adaptado POLETTE (1997).

Source: W. HABER (1990), adapted by POLETTE (1997).

Segundo BOULLON (1994), podemos ter também uma paisagem totalmente diferente da natural, a urbana. A categoria da paisagem urbana poderia inclusive até ser excluída deste conceito, pois a visão científica de paisagem se limita ao espaço natural. Desde o enfoque visual, ambos os tipos de paisagem são a consequência da combinação de numerosos elementos físicos de diferentes classes (natural e artificial), intimamente relacionados entre si, por isto podemos apreciá-los num conjunto.

PETRONI & KENIGSBURG (1994) *apud* BOULLON (*Op. cit.*) definem os seguintes tipos de paisagem e estabelecem sua diferença:

Paisagem natural: conjunto de caracteres físicos e visíveis de um lugar que não foi modificado pelo homem;

Paisagem cultural: paisagem modificada pela presença e atividade do homem (culturas, cidades, etc.); e

Paisagem urbana: conjunto de elementos plásticos naturais e artificiais que compõe a cidade (colinas, rios, edifícios, ruas, praças, árvores, focos de luz, anúncios, semáforos, etc.).

Na geografia, por exemplo, várias são as formas de encarar o universo da paisagem, esta difere enquanto geografia física e humana, mas, no entanto, sua importância é inquestionável. Segundo SANTOS (1996), tudo aquilo que vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas por volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.

According to BOULLON (1994), we can also have a landscape that is completely different from the natural one, the urban landscape. The category of urban landscape could even be excluded from this definition, since the scientific view of landscape is limited to the natural space. From the visual focus, both types of landscape are the result of the combination of numerous physical elements of different types (natural and artificial), which are closely interrelated, enabling us to appreciate them as a group.

PETRONI & KENIGSBURG (1994) *apud* BOULLON (*Op. cit.*) define the following types of landscape and establish the differences between them:

Natural landscape: a group of physical and visible characteristics of a place that has not been modified by man;

Cultural landscape: a landscape that has been modified by the activity and presence of man (culture, cities, etc.); and

Urban landscape: a combination of plastic natural and artificial elements which make up the city: hills, rivers, buildings, streets, parks, trees, streetlights, advertisements, traffic lights, etc.).

In geography, for example, there are various ways of looking at the world of landscape, which differs in terms of physical and human geography. However, its importance is unquestionable. According to SANTOS (1996), everything that we see, that our vision touches, is landscape. This can be defined as the dominion of the visible, everything that the eyes encompass. It is not only made up of mass, but also of colors, movements, smell, sounds, etc.

Segundo SANTOS (*Op. cit.*), a paisagem é um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais; é formada por frações de ambas, seja quanto ao tamanho, volume, cor, utilidade, ou por qualquer outro critério. A paisagem é sempre heterogênea. A vida em sociedade supõe uma multiplicidade de funções e quanto maior o número destas, maior a diversidade de formas e de atores. Quanto mais complexa a vida social, tanto mais nos distanciamos de um mundo natural e nos endereçamos a um mundo artificial.

Uma região produtora de algodão, de café ou de trigo. Uma paisagem urbana ou uma cidade de tipo europeu ou de tipo americano. Um centro urbano de negócios e as diferentes periferias urbanas. Tudo isto são paisagens, formas mais ou menos duráveis. O seu traço comum é ser a combinação de objetos naturais e de objetos fabricados, isto é, objetos sociais e ser resultado da acumulação da atividade de muitas gerações. Em realidade, a paisagem compreende dois elementos: 1. Os objetos naturais, que não são obra do homem nem jamais foram tocados por ele. 2. Os objetos sociais, testemunhas do trabalho humano no passado, como no presente. (SANTOS, 1997)

Já segundo AB'SABER (1994), o conceito de paisagem é banalizado pelos geógrafos, como se ele tivesse sendo interpretado apenas como aquele que a gente vê no espaço, de um golpe, quando a paisagem dentro da geografia castamente é paisagem ecológica e paisagem total. Por isso mesmo, quando surgiu a possibilidade de utilizar também para paisagem o termo espaço geográfico, que é um termo tão banal quanto paisagem, não diz nada, o espaço geográfico é tudo aquilo que está na superfície das terras emersas. Mas atenção, eu posso dar conotações à paisagem e posso dar conotações ao espaço geográfico, por exemplo: a paisagem agrária é muito importante na leitura científica do geógrafo.

Para SANTOS (1996), a dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos. Por isso, o aparelho cognitivo tem importância crucial nessa apreensão, pelo fato de que toda nossa educação, formal ou informal, é feita de forma seletiva, pessoas diferentes apresentam diversas versões do mesmo fato. Por exemplo, coisas que um arquiteto, um artista vêem, outros não podem ver ou o fazem de maneira distinta. Isso é válido também, para profissionais com diferente formação e para o homem comum.

A percepção é sempre um processo seletivo de apreensão. Se a realidade é apenas uma, cada pessoa a vê de forma diferenciada; nessa forma, a visão pelo homem das coisas materiais é sempre deformada. Nossa tarefa é a de ultrapassar a paisagem como aspecto, para chegar ao seu significado. A percepção não é ainda o conhecimento, que depende de sua

According to SANTOS (*Op. cit.*), landscape is a heterogeneous group of natural and artificial shapes; it is formed by parts of both, be it their size, volume, color, use, or any other criteria. Landscape is always heterogeneous. Life in society presupposes a multiplicity of functions and the larger their number, the larger the diversity of shapes and agents. The more complex the social life, the more we move away from the natural world and turn towards the artificial one.

A region that produces cotton, coffee or wheat; an urban landscape or city in European or American style; an urban business center and the different urban peripheries; all these are landscapes, forms that are more or less permanent. They all have in common the fact that they are a combination of natural and manmade objects, that is, social objects, and they are all the result of the accumulated activity of many generations. In reality, landscape comprises two elements: 1. Natural objects, which are not works of man and have never been touched by man; 2. Social objects, which have witnessed human works both in the past and in the present (SANTOS, 1997).

Yet according to AB'SABER (1994), the definition of landscape is trivialized by geographers, as if it were being interpreted merely as what we see in space, at a glance, when in fact, in pure geography, landscape can be considered as an ecological and total landscape. For this very reason, when the possibility of also using the term geographical space for landscape emerged, which is a term as trivial as landscape, it told us nothing. Geographical space became defined as everything that is on the surface of emerged land. But note, I can give certain connotations to landscape and other connotations to geographical space, for example: the agrarian landscape is very important in geographers' scientific readings.

In SANTOS' (1996) opinion, the dimension of landscape is the dimension of perception, the things that reach the senses. For this reason, the cognitive system is of vital importance in this apprehension, since our formal and informal education is selectively carried out, with different people presenting various versions of the same fact. For example, things that are perceived by an architect or an artist may not be seen by others or may be perceived differently. This is also true for professionals with different backgrounds and for the ordinary man.

Perception is always a selective process of apprehension. If there is only one reality, each person sees it in a different way; therefore, man's perception of material things is always distorted. Our task is to go beyond landscape as an aspect, and reach its real meaning. Perception is still not knowledge, which depends on its interpretation and

interpretação e esta será tanto mais válida quanto mais limitarmos o risco de tomar por verdadeiro o que é só aparência (SANTOS, *Op. cit.*).

Na realidade, o estudo da paisagem também tem na atualidade uma importante linha de pesquisa, a ecologia da paisagem. Segundo SELMAN AND DOAR (1992), os princípios chave da ecologia da paisagem podem resumir-se em termos de estrutura, função e comportamento temporal dos ecossistemas, mas estas devem ser vistas mais como uma série de hipóteses do que demonstrações seguras.

Na ecologia da paisagem, o estudo dos princípios emergentes da paisagem (Tabela 2) são importantes de serem analisados durante o processo de planejamento e gestão, por exemplo, pois por meio destes, serão possíveis estabelecer programas confiáveis para a administração dos recursos paisagísticos, fundamentais para entender o presente, mitigando, assim, problemas evidenciados bem como traçar estratégias futuras de uma determinada unidade territorial geográfica, tais como uma microbacia ou um sistema insular.

will become even more valid the more we lessen the chances of accepting as truth what is only an appearance (SANTOS, *Op. cit.*).

In reality, the study of landscape currently has an important branch of research, landscape ecology. According to SELMAN and DOAR (1992), the key principles of landscape ecology may be summed up in terms of structure, function and temporal behavior of ecosystems, but these should rather be seen as a series of hypotheses than as reliable proofs.

In landscape ecology, it is important to analyze the study of emerging principles of landscape (Table 2), such as during the planning and management process, since it is through these that it will be possible to establish reliable landscape resource management programs. These are essential for understanding the present, thus mitigating obvious problems, as well as establishing future strategies for a specific geographical territorial unit, such as a micro-basin or insular system.

Recentemente, a paisagem também tem sido utilizada para a modelagem ecológica de forma a prever mudanças nos padrões de mudança da sua cobertura (uso do solo), ao longo de grandes regiões (de dezenas a centenas de quilômetros) ao longo da escala do tempo (dezenas a centenas de anos) como o resultado de várias alternativas possíveis de gestão específicas de algumas áreas, tanto naturais como antrópicas. O desenvolvimento desta capacidade é necessária para a gestão dos recursos em nível regional, bem como para a modelagem das mudanças climáticas dos sistemas regionais e global, da elevação do nível do mar resultante do enriquecimento de CO₂, da chuva ácida, do despejo de lixo tóxico e de outros impactos potenciais (CONSTANZA *et al.* 1990).

CONSTANZA *et al.* (*Op. cit.*) afirmam ainda que o desenvolvimento recente de duas ferramentas de trabalho faz o modelo de paisagem possível. Primeiro, a acessibilidade de uma fonte de dados temporal e espacial tais como o sensoriamento remoto e o levantamento histórico de fotografias aéreas, pois, por meio destas, é possível também medir o comportamento real das grandes paisagens, bem como de escalas temporais mais longas. Segundo, com os avanços da computação, é ainda possível prever modelos de paisagens em níveis adequados de resolução espacial e temporal.

À medida que o homem se agrupa em grandes centros urbanos, valoriza áreas naturais de valor cênico, como fonte de lazer, saúde e bem-estar, sendo assim a relação do homem com a paisagem cada vez mais estreita e consciente. Para McHARG (1971), a companhia do homem, a força das instituições, a competição, o estímulo, a diversidade e as oportunidades que as cidades apresentam são valores atrativos, porém o subconsciente humano insiste ao retorno de meios naturais, como contraste (CARVALHO-MARENZI, 1996).

A tecnologia tende a ser uma das formas de catálise do processo de conhecimento da paisagem, pois permitirá uma visão mais ampla dos conceitos observados. A computação gráfica, por exemplo, emerge como uma das formas mais interessantes para o conhecimento da sua estrutura tridimensional. Urge saber que, neste processo, a integração entre todas as disciplinas envolvidas na sua análise é fundamental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na realidade, a paisagem atualmente é uma unidade cultural e econômica, pois possui estrutura e função definida e suas mudanças ocorrem justamente pela ação antrópica, que é resultado da cultura absorvida pelo ser humano no espaço em que está integrado. Portanto, no processo de gestão ambiental seja nas áreas costeiras ou continentais, a abordagem da paisagem é essencial

Recently landscape has also been used in ecological modeling in order to predict alterations in the patterns of change of covering (use of soil) throughout large regions (from tens to hundreds of kilometers) and over a long time scale (from tens to hundreds of years), as a result of various possible alternatives for the specific management of some areas, both natural and manmade. The development of this capability is essential for the management of resources at a regional level, as well as for the modeling of climate changes in regional and global systems, the elevation of sea level resulting from the increase in CO₂, acidic rain, toxic waste disposal and other potential impacts (CONSTANZA *et al.*, 1990).

CONSTANZA *et al.* (*Op. cit.*) also states that the recent development of two working tools has made landscape modeling possible. First, the accessibility sources of temporal and spatial data, such as remote sensing and the historical survey of aerial photographs, since by these means it is also possible to evaluate the real behavior of large landscapes, as well as of longer temporal scales. Secondly, advances in computer science have also enabled the prediction of landscape models at suitable levels of spatial and temporal resolution.

As man gathers in large urban centers, value is added to natural areas of scenic value as sources of leisure, health and well being, thus making the relationship between man and landscape increasingly close and sentimental. For McHARG (1971), the company of others, the power of intuitions, competition, motivation, diversity and the opportunities that cities present are attractive values, but the human subconscious insists on a return to natural environments as a contrast (CARVALHO-MARENZI, 1996).

Technology tends to be a form of catalyst in the process of gaining knowledge about landscape, since it allows a wider view of the observed concepts. Graphical computing, for example, emerges as one of the most interesting ways to acknowledge the three-dimensional structure of the landscape. The reader is urged to recognize that in this process a multidisciplinary analysis is fundamental.

FINAL CONSIDERATIONS

In reality, landscape is currently a cultural and economic unit, for it has defined structure and function and its changes occur due to man action, which is a result of the culture absorbed by human beings in the space into which he is integrated. Therefore, in the process of environmental management, in both continental and coastal areas, an approach to landscape essentially has to

para compreendermos a relação do homem com a utilização racional, ou não, do solo e das águas.

A paisagem, ao longo da história da humanidade, é uma entidade complexa para ser analisada, pois esta ultrapassa simplesmente questões ligadas à percepção ao sentimento, ou ainda às concepções estéticas, culturais, ecológicas e até mesmo política. Esta deve ser continuamente analisada e discutida pelo homem, que é ao mesmo tempo, observador, bem como agente das mudanças que ali se evidenciam.

understand the rational or irrational relationship between man, the earth and the waters.

Throughout human history, the landscape has been a complex entity to be analyzed, because it goes beyond questions related merely to the perception of feelings, or aesthetic, cultural, ecological and even political conceptions. It has to be continuously analyzed and discussed by man, who is simultaneously the observer and the agent of the changes that are evident in the landscape.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AB'SABER, A. **Palestra de abertura do Seminário Estadual de Geografia**. UFSC. Florianópolis. 1994.
- BERNALDEZ, F. G. **Ecología y paisaje**. H. Blume, 1981. 251p.
- BOULLÓN, R. C. **Planificación del espacio turístico**. México: Trillas, 1994. 245p.
- CARVALHO MARENZI, R. **Estudo da valoração da paisagem e preferências paisagísticas no município de Penha - SC**. Dissertação de mestrado. UFPR, 1996. 85p.
- CONSTANZA, R.; SKLAR, F. H.; WHITE, M. L. Modeling Coastal landscape Dynamics. **Bioscience**, v.40 n.2. 1990. pp. 91-107.
- FIGUEIRÓ, A. S. Evolução do Conceito de Paisagem: Uma Breve Revisão. **GEOSUL**, Florianópolis, v.13, n.26, pp. 40-52, jul. dez. 1998.
- FORMAN, R. T. T.; GODRON, M. **Landscape ecology**. John Wiley & Sons, 1986. 619p.
- JELLICOE, G.; JELLICOE, S. **El Paisaje del Hombre - La Conformación del Entorno desde la Prehistoria hasta Nuestro Dias**. Barcelona: Gustavo Gili, 1995. 408p.
- HABER, W. Basic Concepts of Landscape Ecology and their Application in Land Management. **Physiol. Ecology**. Japan, 27 (Special number): 131-146.
- IUCN - **Estratégia Mundial para a Conservação**: a conservação dos recursos vivos para um desenvolvido sustentado. São Paulo: CESP, 1984. II 1v.
- MACEDO, S. S. **Paisagem, Urbanização e Litoral - Do Êdem à Cidade**. São Paulo: [s.n.], 1993. 207 p.
- MOSS, M. R. & NICKLING, W. G. Landscape Evaluation in Environmental Assessment and Land Use Planning. **Environmental Management**, v.4, n.1, 1980. pp. 57-72.
- NAVEH, Z. & LIEBERMAN, A. S. **Landscape Ecology - Theory and Application**, Springer Series on Environmental Management, by Springer - Verlag. New York: [s.n.], 1984. 338p.
- OXFORD. **Nova Enciclopédia Ilustrada Folha**. v.1,2. São Paulo: [s.n.], 1996.
- PIRES, P. **Avaliação da qualidade visual da paisagem na região carbonífera de Criciúma - SC**. Dissertação de mestrado, UFPR. 1993.
- POLETTE, M. **Gerenciamento Costeiro Integrado: Proposta Metodológica para a paisagem litorânea da microbacia de Mariscal (Bombinhas - SC)**. Tese de Doutorado. São Carlos: UFSCar, 1997. 499p.
- RODRIGUEZ, J. M. **Apuntes de Geografía de los Paisajes**. Ciudad de la Habana: Universidad de La Habana. Facultad de Geografía, 1984. 468p.
- SANTOS, M. **Técnica Espaço Tempo - Globalização e Meio Técnico-científico Informacional**. São Paulo: Hucitec, 1996. 190p.
- _____. **Pensando o Espaço do Homem**. 4. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1997. 64p.